



O GESTO

HERNÁN QUIPILDOR

Edição

Germán Scalona

Design

Sergio del Puerto

Tradução

Eduardo Schenberg

Publicado por Hernán Quipildor

Direitos Autorais © Hernán Quipildor

2016. Todos os direitos reservados.

OBRIGADO

PARA ASIER

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: A POSIÇÃO

I. OS ELEMENTOS

II. AS CONVERSAS

III. O GESTO

INTRODUÇÃO: A POSIÇÃO

Evolução implica a realização de novos significados. Palavras já são metáforas por si só, representações conceituais de alguma outra coisa. A 'outra coisa' na qual focaremos aqui é a consciência. Estamos muito acostumados a lidar com camadas metafóricas que nos separam do significado. Camadas extraordinárias de explicação estão construídas por nossos esforços em acessar o conhecimento. Este salto mortal é desnecessário pois o conhecimento nos é acessível diretamente. E todo conhecimento é, em última análise, auto-conhecimento.

Nós queremos alcançar uma intuição sobre a consciência como um conceito completo que é realizado na vida, na realidade como um todo. Este é um conceito que podemos experimentar diretamente como seres vivos, a manifestação da consciência. Não se trata de fantasmas numa dimensão paralela; trata-se de entender a aparente contradição de que apesar de nossa diferença, em nossos organismos individuais e suas partículas de matéria específicas, somos todos o mesmo, e parte de um todo que chamamos consciência.

Trata-se de entender a nós mesmos como uma tecnologia e se tornar ciente sobre qual o propósito desta tecnologia. A consciência é a peça que falta no nosso entendimento da realidade. O significado que estamos buscando aqui é nos tornarmos cientes ao que é intrínseco a nós mesmos. Este é um significado que não pode ser atribuído, apenas experienciado.

I. OS ELEMENTOS

COMO NOSSOS SENTIMENTOS CONSTITUEM O SENTIDO PELO QUAL PERCEBEMOS E PROCESSAMOS A CONSCIÊNCIA

O mundo que vemos é o mundo que percebemos com nossos sentidos. Tudo que é real é a realidade experienciada através de nós mesmos, por nós e como nós mesmos. Portanto faria sentido começar definindo os componentes de tal realidade em termos de nossa própria capacidade para capturá-los. Nossa percepção do mundo é, invariavelmente, uma combinação do que percebemos com nossos sentidos, incluindo um selo emocional como parte dessa percepção. Emoções efetivamente representam uma maneira adicional de sentir a realidade. A realidade que capturamos com nossas emoções, entretanto, representa um aspecto mais sutil; podemos chamar este aspecto da realidade de 'consciência'.

Fundamentalmente, as emoções que experienciamos quando percebemos o mundo com nossos sentidos tem uma natureza dual mas única. Mesmo se relacionado a um aspecto do mundo aparentemente externo a nós que tenha motivado tal emoção, elas efetivamente representam nossa própria intimidade. Emoções são portanto ferramentas para acessar esta intimidade.

Como esta intimidade é aquilo com que nos identificamos como sendo nós mesmos, é fundamental considerar que quando falamos de emoção estamos falando de nossa própria experiência. Quando gostamos de algo, quando não gostamos, quando nos sentimos felizes ou eufóricos ou tristes sobre algo, nunca estamos falando sobre alguma coisa, mas sim sobre nós mesmos. Nunca estamos experienciando o aspecto externo da realidade que motivou tal emoção. A experiência é sempre nossa própria intimidade processando a realidade.

Como não há nada mais próximo a nós do que estas emoções, nos conectamos com o mundo pelos meios mais proximais que temos. O mundo na verdade nasce em nossa intimidade. E é essa intimidade que chamamos de consciência. Portanto, eu gostaria de falar das emoções como uma maneira para percebermos a consciência.

**SOBRE O SIGNIFICADO
DA CONSCIÊNCIA.
NOSSO VERDADEIRO
EU NÃO É UM
'EU SEPARADO'**

Quando nos referimos à consciência, não nos referimos a uma sensação de eu como um ser totalmente separado. Não é uma

sensação de tomar ciência de ser um espectador vendo a realidade, ou de estar consciente que a realidade acontece defronte aos nossos olhos. Não nos referimos a um reconhecimento de sermos humanos. A consciência não é um espaço que podemos acessar com o raciocínio, nem algo que pode ser percebido por observação externa. Não estamos nos referindo a uma característica que podemos identificar ao observar o comportamento de algo: 'o robô se comporta como se ele sentisse, portanto ele tem consciência!'. O conceito que nos interessa aqui não precisa ser acreditado. Na verdade não é possível acreditar nele.

O que nos referimos como consciência é um conceito amplo, totalmente inclusivo, abrangente e ubíquo. Nós, como seres vivos, temos acesso direto a tal conceito através da atividade mais simples, básica e vazia. Esta é uma atividade que percebemos com nossas emoções. A melhor aproximação ao que estamos descrevendo é a vivência mais simples, básica e direta, vazia de conteúdo.

A empatia pode nos ajudar a desenvolver esta intuição. Através da empatia nós verdadeiramente compartilhamos as emoções dos outros, nós ressonamos com o outro. Atentando ao fato de que ressonância requer similaridade, nossa intuição é de que somos todos participantes na consciência como um conceito abrangente e totalmente inclusivo.

O conceito de consciência é tão abrangente que ele representa a única coisa que existe; então faz sentido que 'nós' e os 'outros' sejamos iguais. É através dessa apreciação da consciência em nossa intimidade que nos conectamos com outros e com todas as coisas. Esta intimidade expansiva é a consciência.

Como com qualquer sensação, há uma diferença clara entre a racionalização de tal sensação e o sentimento real e inexplicável. A consciência precisa ser sentida, pois qualquer racionalização nos desvia da atividade básica que estamos buscando.

Com a empatia podemos experienciar uma sensação de similaridade com outros, enquanto manifestamos nossa própria individualidade e diferença; 'ser' é experienciar tal individualidade, enquanto sentimos que somos todos iguais como partes do todo.

A consciência é, portanto, o oposto de um sentido de eu existindo por si só. Não é como estarmos cientes de que somos indivíduos, separados e vivos, mas estarmos cientes de que nossa individualidade é parte de um todo, de que nós, como seres biológicos, somos organismos da consciência. Quando nos tornamos intimamente cientes disto, o conceito de eu como fenômeno separado desaparece, junto com todas as

ações e construtos relacionados a ele. Quando você é o outro, você não precisa imaginar os pensamentos do outro. Então você não julga, você sente.

Se eu penso numa ação que tomo para racionalizar minha vida, quando por exemplo digo 'eu corro', o sujeito da ação pode ser entendido como meu corpo correndo. O sujeito existe, eu tenho um corpo, e meu corpo é real. Entretanto, quando eu digo 'eu acredito' ('acreditar' como uma ação que se relaciona com o conhecimento), o sujeito desta ação na verdade não existe. Este sujeito separado me parece existir porque não sou capaz de sentir a empatia pura, e portanto um sentido de ser o mesmo com os outros. A existência deste sujeito é uma ilusão. Em nossa inabilidade de ser, confundimos nós mesmos com algo que é apenas um construto mental de algo, um ser separado que pensamos que 'devemos' ser. Quando compreendemos que o sujeito da sentença é uma construção mental inexistente, o próprio significado de 'acreditar' é preenchido com nova relevância. 'Nós', como seres separados, não acreditamos; tal 'crença' acaba de certa forma separando nosso eu verdadeiro do conhecimento. Quando nos tornamos cientes de que somos consciência, então temos conhecimento. A consciência tem uma relação direta com o conhecimento; a consciência não acredita; a consciência sabe.

A pergunta 'Quem eu gostaria de ser?' é a mãe de toda a

confusão. Ao fazer esta pergunta estamos visualizando um eu separado, 'Eu', e como consequência estamos caindo na armadilha de elaborar um raciocínio auto-construído que é fictício.

A maioria de nossas interações sociais é resultado de nossa relação com esse construto ilusório. Ao invés de olhar pro outro como quem ele ou ela é, e sentir nossas emoções diretamente nele ou nela, nós avaliamos ele ou ela a partir de nosso próprio eu auto-construído e fictício, que também cria um construto fictício do outro. Meu eu separado (que não existe) pensa que o outro deveria ser assim ou assado, e então julga o outro. Quando percebemos a natureza expansiva da consciência, nos tornamos cientes de que o outro é precisamente o mesmo que nós em sua própria individualidade. Assim nós só podemos sentir uma emoção com relação ao outro: compaixão. A luta é sempre entre personagens que não existem.

Com o entendimento de que somos a consciência, e portanto que somos também todos os outros, todas as coisas vivas e inanimadas, todas as ações e construtos anexados a idéia do eu separado termina. O eu que requeria explicação nunca foi verdadeiro. Estamos servindo um mestre desempoderado. Conforme nos afastamos do construto de um eu separado e todas suas implicações - como por exemplo: Do que eu acho que tal personagem ('Eu') deveria gostar? O que acho que tal personagem ('Eu') deveria fazer? No que acho que tal

personagem ('Eu') deveria acreditar? – nós abraçamos nossa emoções para nos orientarmos sobre nosso verdadeiro eu, a consciência, em nossa intimidade, sente, precisa e sabe. E todas as ações, necessidades e crenças, das quais o único sujeito era o 'Eu' como 'sujeito separado', desmoronam. Nós não precisamos. Nós não cremos. Nós não merecemos, dado que sentir-se no direito é um sentimento de um personagem que não existe. Tudo isso é devido ao medo em nossa inabilidade para desconsiderar a ilusão de separação. Na consciência estes conceitos são irrelevantes.

Num certo ponto nós confirmamos a intuição de uma suposição: o eu que nos faz sofrer não existe. Esta realização momentânea pode tomar um tempo mas é, contudo, sempre um começo. Tal posição é quase uma sensação física que devemos abraçar. A posição é semelhante a adquirir uma nova postura: uma que se relaciona ao entendimento de mim mesmo não como uma 'coisa', mas para sentir meu eu expansivo em seu lugar. A posição apresenta a si mesma.

O SIGNIFICADO DAS EMOÇÕES. DESENTIMENTALIZANDO AS EMOÇÕES.

Agora que identificamos com natureza intimamente sensorial das emoções como reflexo de nossa própria capacidade de perceber a consciência e como meio direto de acesso ao conhecimento, devemos dessentimentalizar as emoções por completo.

Não há espaço para sentimentos em algo tão vazio quanto o ser. Os sentimentos são efetivamente secundários: eles não importam por si mesmos. Eles são sensações temporárias relacionadas a nossa capacidade de perceber a consciência. Sentimentalmente nós pensamos que emoções são relevantes por si só, e privilegiamos as emoções como tristeza ou felicidade como se fossem um objetivo a ser alcançado ou um estado a ser evitado. Precisamos, ao contrário, nos distanciar desta visão sentimentalista e compreender as emoções como uma percepção direta de nossa intimidade e da fonte definitiva de conhecimento. Aprender é sempre emocional. Todo conhecimento é, em última análise, auto-conhecimento.

Há um sentido de auto-avaliação na informação que as emoções trazem. Esta informação é muitas vezes sutil, como um sussurro que só pode ser escutado quando se presta atenção. Isto é muito relevante para nós pois nos possibilita perceber quanto amor experienciamos em todos os aspectos da vida cotidiana. Quanto

amor expressamos com uma ação é a coisa mais importante para focarmos emocionalmente. Quanto mais amor expressamos com cada ação, mais completa é nossa contribuição com a consciência.

Nossa capacidade de expressar amor através de nossas vidas representa nossa evolução como organismos da consciência.

O SIGNIFICADO DO AMOR

A principal intuição evolutiva com que nascemos é que o amor é a resposta para nossas necessidades.

Nascemos com a pergunta e com a resposta. Nascemos completos. Nos tornar cientes do que de fato necessitamos é, essencialmente, aprender sobre o amor.

Sendo capazes de apreender e expressar mais amor é o que, como organismos da consciência, podemos contribuir individualmente para a consciência. Amor é a emoção através da qual experienciamos o infinito.

A intuição amorosa a qual aspiramos alcançar é um amor que não é suave, nem fácil. Não é ingênuo nem passional, não é

romântico nem sentimental. Amor é a imensidão que triunfa. Ele nasce no instinto de escolhê-lo. Escolher o amor, conscientemente ou não, é o seu ato de construção. Ele não tem limites e não é delicado, é simultaneamente uma fúria resiliente e um oásis de calma. É mais água do que fogo. É a luz que nos acende como um homem de palha, e nos torna indestrutíveis. Quando sucumbimos ao amor, somos consciência.

O amor pode ser experienciado no ato de doar, mas ele não é apenas o ato de doar; é mais parecido com uma porta como passagem do que a porta em si mesma. O amor pode ressoar na maioria das ações; o amor está em uma ação, na forma do amor que expressamos em nossa intimidade ao executar tal ação. Tal forma é representativa do conteúdo. Esta é a única moral da consciência: não há certo ou errado, há mais amor ou há menos amor.

DESENVOLVENDO A INTUIÇÃO DOS ELEMENTOS DA CONSCIÊNCIA

A consciência é a maneira mais completa de pensar sobre e de experienciar a realidade.

Nós devemos desenvolver uma descrição conceitual da consciência como uma combinação de três elementos. Como a consciência é em última análise um conceito vazio, a única intenção para esta descrição é desenvolver uma intuição. Em última análise, a consciência não pode ser explicada. Ou ao menos qualquer explicação não é a maneira de verdadeiramente compreendê-la, nem acessá-la. A consciência é experienciada; ela é sentida em nossa intimidade.

Para desenvolver esta intuição, eu gostaria de fazer um simples paralelo com a teoria das cores. Cores estão associadas com propriedades físicas das coisas - absorção e reflexão da luz - como percebido por nossa visão.

Podemos naturalmente dizer que nosso entendimento visual do mundo através das cores deriva da propriedade dos objetos de refletir - e nosso sentido para perceber - a luz. Conforme reduzimos nosso entendimento visual completo do mundo para uma combinação de três cores primárias, nós propomos similarmente um entendimento da realidade como resultado da

combinação de três elementos primários. Tais elementos primários são percebidos por nós através das nossas emoções. Nossas emoções são portais para os elementos da consciência.

Tal habilidade para capturar a consciência através de nossas emoções como consequência de nossa interação com a realidade representa a tecnologia mais importante que temos como seres biológicos.

A conceptualização destes três elementos primários da consciência nos permite desenvolver uma intuição sobre a natureza da consciência. Ademais, nos ajuda a entender a natureza do que expressamos através de nossas ações e emoções. Independentemente da nossa explicação aqui, a única maneira de entender estes elementos é experienciá-los em nossa própria intimidade.

SOBRE OS ELEMENTOS

Com a intuição de que tudo que há é também seu oposto, nós vamos definir cada um dos três elementos da consciência como percebido através de duas emoções antagônicas.

O primeiro elemento da consciência é o espaço. O espaço

é o aspecto material da consciência, conforme se manifesta no mundo físico em tudo que existe materialmente. É o aspecto mais tangível da realidade. **Nós percebemos o espaço através de emoções centrais e opostas: medo e possibilidade.** Possibilidade é o agregado de nossos sonhos, imaginação e fantasias. Possibilidade é o resultado do medo, nós precisamos sentir medo pra entender o que é possível. Fomentar a possibilidade é lidar com o medo, imaginando o outrora-impossível.

O espaço representa a materialidade. Emocionalmente, tudo que se relaciona ao medo e a possibilidade necessita de matéria para se manifestar. Tudo que imaginamos ou tememos é material. Nós tememos coisas, e sonhamos sobre coisas. Este aspecto espacial é fundamental para entender a natureza das ações que são guiadas por essas emoções. Medo é possibilidade.

Espaço - materialidade - se relaciona com as atividades mais primitivas. É o elemento que guia nossos desejos. Desejar é a manifestação espacial de sonhar. Não podemos desejar aquilo que não podemos imaginar. O desejo é a atividade primordial enraizada no medo, e é a força mais básica da vida; se relaciona com a sobrevivência na forma mais instintiva, e a todos os aspectos materiais da realidade.

Estas emoções nos amarram ao mundo material; são elas que,

para que possamos existir, nos fazem imaginar a nós mesmos como 'algo separado', talvez um 'eu separado, consciente de ser, sozinho, material'.

Quando precisamos de coisas e desejamos coisas, estamos expressando medo. Territorialidade e propriedade são expressões do medo. Sexo é o medo em sua forma mais pura. Possibilidade em sua forma mais pura.

O segundo elemento da consciência é o tempo. O tempo é uma manifestação dinâmica da consciência. A vida é como a consciência expressa o tempo. O tempo está no núcleo do ciclo da vida, e portanto está especialmente presente no conceito de envelhecimento, e em todas as idéias relacionadas ao desenvolvimento do futuro.

Nós percebemos o tempo através de duas emoções opostas: esperança e morte. Esperança e morte podem ser entendidas como o início e o fim da vida. Esperança é a emoção inicial, o começo da vontade, e de toda ação expressada através do tempo. É a intuição da inocência. É a juventude e a promessa. Esperança é olhar para frente, e é o que nos faz pensar sobre 'um futuro'. O aspecto emocional complementar à esperança é a morte. A morte é a contrapartida da esperança; ela constitui um sentido de certeza e está por trás de todas as emoções relacionadas com a

passagem do tempo. Conforme seres vivos envelhecem, a juventude se transforma e um certo sentido de intensidade e certeza cresce; esta é uma percepção da morte. A morte é a gravidade crescente do tempo passando, conforme a vida está continuamente acontecendo.

A posição é um processo contínuo, um início contínuo. Nós estamos permanentemente morrendo. Nosso eu separado está morrendo o tempo todo. Esta é uma aprendizagem constante. Estar presente significa estar continuamente morrendo. A morte está no cerne da vida. Não é algo que acontece com a vida: é a vida. Morte é esperança.

O terceiro elemento da consciência é a consciência. Ela tem natureza eterna e ubíqua. Ela transcende tempo e espaço. Consciência não é apenas material, não é apenas vida. Ela não tem limites em termos de espaço e tempo, porque há um elemento da consciência que transcende estas categorias por completo. Este é o aspecto imensurável da consciência, pois este elemento não obedece a leis físicas, nem é impactado por nossa idéia tradicional de tempo.

Este terceiro elemento é percebido através de duas emoções centrais e opostas: amor e ódio. Amor e ódio são as emoções com as quais percebemos a natureza ilimitada da

consciência. A intuição pode ser sentida; a força do amor vai além do que pode ser explicado e ensinado. O amor transpassa a cultura. A imensidão do amor flui através de nós.

O amor do qual estamos falando aqui tem um aspecto intencional. Para expressar esse amor temos que escolher amar. Esta escolha é a fagulha da verdadeira liberdade. Tal momento de escolha é nossa individualidade de reconhecer que não somos separados. É nos tornarmos cientes de que a consciência é maior, abrangendo o todo e ubíqua. É o momento de verdadeira empatia; é ser o outro, e tudo. Em tal momento nós experienciamos a natureza eterna e infinita da consciência. Ser capaz de experienciar o ódio é o presente supremo, pois nos permite escolher o amor. De alguma forma, experienciamos ódio para aprender sobre o amor. Através do ódio nós aprendemos que o amor pode ser instintivo. Ódio é amor.

Amor é escolhido, e a única maneira de manifestar escolha na vida é ação.

Nosso objetivo é entender a natureza deste terceiro elemento, que não pode ser descrito em palavras ou em termos de tempo e espaço, que não pode ser mensurado, pode apenas ser experienciado, sentido e abraçado. Não há necessidade de nomeá-lo, não precisamos de uma metáfora, já que sua natureza eterna e

ubíqua não pode ser separada de nós mesmos, nem mesmo em um conceito. Apenas experienciando-o podemos entendê-lo.

O que 'parece' se relacionar ao tempo e espaço é mensuração e matemática, mas na verdade tempo e espaço não estão sujeitos a quaisquer leis. O que chamamos 'causa' não é a causa de nada que está acontecendo. O efeito é a causa.

A INTUIÇÃO QUE ESTAMOS BUSCANDO

Tudo que percebemos e tudo que expressamos é resultado de alguma combinação destes três elementos da consciência. A paleta completa de emoções humanas é resultado de combinações das emoções básicas que sentimos quando percebemos estes elementos. Aumentar a capacidade de expressar mais amor em nossas ações vai guiar nossa evolução, porque este é o caminho pelo qual nossa intenção transcende o tempo e o espaço.

Nós somos espaço: como partículas de matéria nós exploramos nosso medo, pois é assim que aprendemos sobre nós mesmos como espaço e esta é a força motriz por trás dos nossos sonhos. Nós somos tempo: nossa vontade age na matéria, e o sopro da vida se expressa através de nós. Nós somos imensos: nós somos ubíquos e eternos, não como perpétuos fantasmas aparecendo em múltiplos lugares, mas como seres capazes de expressar amor aqui e agora.

II. AS CONVERSAS

A DIMENSÃO DO INEXPLICADO, A DIMENSÃO DA CONSCIÊNCIA

Cada vez que temos uma conversa, cada vez que olhamos ao redor no mundo, cada vez que conscientemente fazemos algo, há uma segunda conversa acontecendo.

Esta segunda conversa se relaciona com o inconsciente coletivo para o qual nós constantemente contribuímos. A segunda conversa é originada do, e resultado do, nosso ser biológico. Não estamos falando de uma dimensão espiritual aqui, estamos falando de um aspecto da realidade que capturamos com nossos sentidos; é perceptível, nós o sentimos e processamos em nossas mentes. Entretanto, a linguagem desta conversa é pura intimidade. Não é uma linguagem a ser decodificada, e seu corpo não pode ser perfurado para ser acessado e analisado. Tal linguagem escapa a semântica, e efetivamente representa nossa ressonância íntima com os elementos que compõe a consciência. Esta segunda conversa é a expressão mais elevada do corpo e da mente humana como tecnologia, pois representa uma inteligência instantânea e interligada que captura a significância do futuro e do passado condensado no momento presente. Ela representa o estado de consciência, que sempre está presente, que sempre é o presente. A maneira pela qual acessamos esta conversa é através de nossa

própria intimidade; tal ressonância é manifestada em nossas emoções. Emoções são, portanto, uma ferramenta biotecnológica muito sofisticada que age como uma interface entre o individual e o coletivo.

**COMO A RACIONALIZAÇÃO
É NA VERDADE UMA
JUSTIFICATIVA A POSTERIORI;
A CONSCIÊNCIA É EFETIVAMENTE
A CAUSA PRIMORDIAL DE TODOS
OS ACONTECIMENTOS**

Compreender que tal intimidade não pode ser decodificada ou descrita com palavras é fundamental para abraçarmos sua natureza. Ela não pode ser dita. Não pode ser explicada. Ela pode ser sentida, experienciada, desenvolvida e abraçada. Aprender a confiar no 'inexplicado' e realçar nossas emoções como a pura fonte do conhecimento é o verdadeiro processo de descoberta de sermos nós mesmos. Em um entendimento da raça humana como tecnologia, isto representaria o apropriado uso e desenvolvimento de tal tecnologia. 'Apropriado' é usado aqui não no sentido de uma norma, mas como consequência de um ato de genuína liberdade. Há um sentido de propósito no ato de liberdade genuína. Pois nosso único propósito é ser livre, somos livres até de um propósito. Este reconhecimento é

evolutivo, e se relaciona com a evolução intencional. Enquanto pensamos que é nossa mente consciente que guia nossas vidas, é na verdade a segunda conversa que é a razão real das coisas: o aspecto mais relevante da humanidade, o estado de consciência como um coletivo. A consciência é o motivo do porque. Palavras, diálogo e interpretação não são uma razão para as coisas, são mais como um tipo de justificativa a posteriori. Nossa racionalização vem em segundo lugar com relação ao que realmente guia os eventos.

Explicar nossas emoções é um exercício consciente, e por definição representa uma translação, uma passo de separação. É como a relação da interpretação da arte. Na arte, os conceitos não permitem separação nem análise. Sua compreensão é emocional. Sendo preciso, arte é como precisamos descrever tal linguagem indecifrável, arte não como artefato, não como na expressão visual ou decorativa, mas arte como resultado de uma meta-linguagem complexa no estado de consciência, perceptível e evidente em cada gesto. No final, arte é a linguagem do nosso ultra-consciente, que sempre é coletivo, que sempre está certo. Arte é a comunicação mais avançada que nosso cérebro percebe e processa; arte como uma linguagem íntima que não fala sobre o outro, mas sobre nós mesmos, e que apenas através de nossa profunda intimidade chega no outro. Em tal intimidade nós somos o mesmo.

A arte está portanto presente em todas as ações que são resultado de nossa verdadeira auto-expressão, e pode estar presente em cada gesto. Para podermos produzir arte precisamos nos expressar. A qualidade desta expressão, e a determinação da 'qualidade' de tal arte, são sentidas em nós mesmos e é algo que podemos aprimorar e aperfeiçoar; intuitivamente este seria nosso melhor uso como tecnologia. Arte é parte de nossa biologia e é uma linguagem que realçamos por nossas intenções e ações. Nossa arte pode ser aperfeiçoada pelo amor que somos capazes de ressoar através dessa expressão em nossa intimidade.

O conceito de intimidade é central, pois nada mais nos permite atingir tal nível; nenhuma outra qualificação ou quantificação é de qualquer relevância. Intimidade é o lugar onde a única coisa que importa é ser; nenhuma análise externa pode afetar este processo. A intimidade sobre a qual estamos falando existe apenas em tal solidão, e só é relevante como experiência pessoal direta; é a sensação da vida em si mesma. Em um aparente paradoxo, tal solidão verdadeira só pode ser experienciada quando nós percebemos que também somos o todo.

SOBRE A ARTE COMO A LINGUAGEM DA SEGUNDA CONVERSA E COMO CONTRIBUÍMOS COM A CONSCIÊNCIA

Arte é a linguagem que nasce de nosso ato mais auto-centrado. Ela é portanto a verdadeira conexão, a mais profunda forma de comunicação, pois conecta diretamente com emoções como reflexo dos componentes básicos da consciência. Como resultado dessa conexão a arte representa nossa expressão de nós mesmos - conscientemente - verdadeiramente.

O ato de criação através de nossa intimidade é o oposto do egoísmo, pois somos consciência nesta intimidade. Sermos capazes de expressar mais amor em nossos gestos é o caminho que coletivamente guia a evolução. Nossa emoções devem ser de alguma forma des-emocionalizadas, des-sentimentalizadas, e compreendidas em outro sentido, o sentido pelo qual subconscientemente nós estamos aprendendo sobre nós mesmos e expressando nós mesmos. Expressar verdadeiramente esta individualidade é nossa contribuição para o coletivo. A arte é a linguagem para tal expressão; o gesto expressivo é nossa forma de 'compreensão'.

Para a arte, apenas nossa própria individualidade, processando a consciência, é relevante. Os atos de ler o outro, controlar o

outro e adivinhar o outro, que não seguem este caminho íntimo, são expressões do medo.

A verdadeira auto-expressão é um processo de intensificar nossas sensibilidades através do amor para progredir. Há um sentido de 'aprimoramento'. Há um sentido de auto-avaliação que parte de estarmos cientes para uma intenção e esforço, que significa evolução intencional. O objetivo é utilizar melhor o que recebemos para desempenhar nossa biotecnologia. Nós iremos nos aperfeiçoar até o ponto de produzirmos arte de alta qualidade; arte que seja mais representativa de nossa individualidade. Para fazer isso necessitaríamos nos entregar ao amor. De alguma forma somos mais aptos a sermos nossa individualidade quando em nossa intimidade nos tornamos cientes de sermos o todo através do amor. Nosso gesto se torna um gesto que expressa um amor maior. Quanto mais amor, menos persona e ego, e a eliminação do personagem fictício do eu separado.

Há uma conexão natural entre estas duas conversas: intuição é uma ponte entre nosso mundo consciente e aquela segunda conversa. Intuição é metade sensação e metade uma explicação.

O SIGNIFICADO DE SER. SER É EXPRESSAR NOSSO EU VERDADEIRO ATRAVÉS DE AÇÕES

Sermos nós mesmos é um processo de aceitação (quem somos, o que nos foi dado, o que podemos alcançar), e igualmente é um processo de criação (nossa intenção manifestada em ações). A única coisa que jamais criaremos é a nós mesmos. Isto é a criatividade em sua forma mais pura. Somos todos diferentes. **Expressar por completo nossa diferença é nossa contribuição, e a fonte da criatividade:** nossa diferença e individualidade como organismos da consciência. A criatividade, portanto, não está relacionada a nada externo a nós, mas ao núcleo de nossa própria intimidade. Se focarmos na criatividade como um conceito externo, a ilusão de um eu separado emerge. É um personagem com idéias do que a criatividade deveria ser, como deveria se parecer, e assim por diante: o resultado inevitavelmente sendo uma mistura de regurgitação e déjà vu.

Sermos nós mesmos significa expressar-nos por inteiro. Entretanto, ser honesto com nós mesmos pode ser uma coisa difícil de fazer. O caminho pra tal honestidade está sempre relacionado a fazer algo verdadeiramente bem feito. Pode ser qualquer atividade ou atividades, mas é provável que sejam as que produzem mais satisfação. Para alcançar seu melhor, você

precisa ser capaz de apreciar o que está fazendo. Satisfação é a emoção inicial com a qual começamos a perceber a intensidade do amor. Abraçar esta emoção permite esta satisfação se transformar, conforme o infinito se manifesta.

Nós somos amor no preciso momento em que, descobrindo quem somos, dedicamos nossa intenção a isto. É um instante delicado que é alcançado por sensibilidade, esforço e coragem tocando em harmonia. É um momento de liberdade e confiança.

Primeiro, escolhemos o amor, todo o resto é uma consequência desta escolha.

É o momento em que sucumbimos ao amor no qual esquecemos a natureza espacial e mensurável do que 'nós' pensamos que era 'melhor', ou qualquer outro objetivo mensurável. 'Nós' paramos de pensar, e agimos; nossa ação manifesta amor, supera o medo, supera o espaço.

Este caminho requer coragem e esforço. Um cavalo de corrida metade nasce metade se faz. Este processo não começa com a confusão de um eu separado raciocinando 'que eu deveria ser'. A racionalização do 'que deveria se parecer ser como nós mesmos' é o que precisamente nos separa da verdade em nossa intimidade. Tal racionalização ocupa nossa mente, e de

fato se torna nossa mente. A posição é esvaziar estes conceitos, usando nossas emoções como nosso próprio caminho para perceber a consciência através de nossa individualidade. Nós precisamos seguir a intuição do gozo: conhecer o que verdadeiramente apreciamos (e o que tememos), profunda e puramente sentindo o que realmente amamos e tememos. Isto também significa perceber o que mais tememos. A satisfação é um perfume sutil, um sinal que nos mostra a saída do labirinto. O que nos satisfaz é mais representativo de nossa individualidade no presente do que qualquer racionalização sobre o que 'nós' 'deveríamos' desfrutar. Não é o gosto que é entendido como uma regra ou parâmetro, mas a satisfação; e ela é experienciada como uma fonte de informação vinda diretamente da consciência. O que nos faz felizes, o que achamos bonito ou horrível, deveriam ser sinais nos ajudando a escolher qual caminho seguir, quais ações perseguir.

Se tornar capaz de perceber beleza em todas as coisas é crescimento e evolução. Quanto mais beleza e satisfação você conseguir encontrar em qualquer coisa, mais ciente você estará da consciência. Gosto nunca é sobre o externo; nós estamos sempre avaliando a nós mesmos, aprendendo sobre nós mesmos. Devemos confiar no que achamos horrível, conforme aprendemos com isso, da mesma forma que devemos aprender com aquilo que achamos belo. Nós representamos a beleza que alcançamos e expressamos, e o que é horrível necessita do nosso amor.

Ser capaz de apreciar a beleza é um caminho intuitivo; quanto mais beleza pudermos apreciar e expressar em cada gesto, mais poderemos perceber e expressar amor.

A claridade com a qual apreciamos tudo é efetivamente a mesma claridade com a qual apreciamos nossa própria intimidade. Sermos capazes de enxergar a verdade é uma consequência da experiência verdadeira de nosso próprio ser.

III. O GESTO

**NOSSO GESTO É O ATO PELO
QUAL NÓS MANIFESTAMOS
A CONSCIÊNCIA NA REALIDADE.
NOSSO GESTO É O AGREGADO
DE TUDO QUE JAMAIS
EXPRESSAMOS; É O RESULTADO
DE NOSSA VIDA COMO APRENDIZAGEM**

Seu gesto é sua escolha manifestada. Seu gesto representa sua arte e a única coisa que você realmente possui, a sua escolha. Seu gesto representa seu estado de realização da consciência. Nossa interação com a realidade importa porque estas ações nos permitem manifestar nossa intenção de expressar nossa individualidade e liberdade.

Nosso gesto é o agregado de tudo que jamais expressamos, desde artefatos, tecnologia e conhecimento até comportamento e natureza humana. Nosso gesto pode ser refinado com esforço, e apenas através do amor podemos aperfeiçoar nosso gesto. O gesto mais sofisticado é resultado do amor. Qualquer desenvolvimento social ou salto tecnológico acontece por causa do amor. A ciência se desenvolve apropriando a arte. Gentileza é um refinamento.

A única atividade constante através da vida é a aprendizagem. Nascemos para aprender e não podemos interromper este processo, que está no cerne da vida. Nossos olhos sempre

são abertos em um processo de aprendizagem contínuo; mas podemos escolher a direção de nosso olhar.

Apenas expressando-nos através do amor somos capazes de progredir como seres humanos. Esta é nossa diferença, nossa individualidade e nossa contribuição para a existência.

As atividades de fato são sempre circunstanciais; qualquer ação que nos permita expressar a nós mesmos verdadeiramente, com mais amor, é um ato de liberdade, pois carrega nossa escolha manifestada. Poderia ser lavoura, poderia ser aterrizar de um foguete em outro planeta, ou preparar o café da manhã para as crianças; tem a ver com se tornar melhor ao experienciar o caminho da escolha do amor.

Só podemos nos tornar nós mesmos quando somos amor por escolha, manifestado em ações através do tempo. Confiança na re-educação. O cérebro é plástico.

Quanto mais estivermos cientes de que somos consciência, mais curta a distância entre amor e ação. Quanto menos relevante o significado do eu separado, mais inspirador o seu gesto. O gesto máximo é o reconhecimento de nossa natureza amorosa e de nosso ser amoroso. A arte mais elevada pode ser expressa com a escolha de entrega ao amor.

Seu gesto é a manifestação da consciência, e é sua contribuição para a realidade. Seu gesto é em última análise a única coisa que vai perdurar; mas não como uma coisa persistindo através do tempo, mas como sendo parte do presente. Tal gesto é sua contribuição atemporal ao coletivo. Quanto mais ciente você se torna de ser amor através de atos amorosos, mais o coletivo ressoa com amor. Quando expressa amor você está manifestando sua natureza eterna ilimitada como organismo da consciência. Isto não está no passado nem no futuro; o amor se materializa no presente e é eterno. Há uma atemporalidade na expressão do amor, no ser amor, porque o amor sempre esteve ali. Nós éramos imortais desde o início.

A intenção amorosa manifestada em seus atos se espalha através da inspiração. Seu gesto de amor acende aquela chama nos demais como um raio de luz. Quanto mais você reconhece sua natureza amorosa, mais forte o feixe luminoso de inspiração.

Enquanto estamos todos procurando um farol, nós somos o único farol que importa. Porque alguém está olhando pra você, alguém será inspirado por você. Você não pode falar com conhecimento verdadeiro sobre nada a não ser você mesmo, sua diferença, na sua intimidade, e apenas através da sua intimidade seu gesto pode alcançar os demais. Todos nós estamos

cientes de formas diferentes. Nesta diferença reside a possibilidade de nutrirmos uns aos outros. É esta diferença que nos permite ajudar e ser ajudado; isto é o que nos permite experienciar o caminho rumo a evolução: empatia autêntica através da compaixão.

A inspiração funciona como uma série de faróis. Enquanto reconhecemos e manifestamos que somos amor, seremos faróis uns para os outros, e evuiremos. Cada farol é feito da mesma luz.

Este processo é em última instância um processo educativo. Mas aprendizagem não pode acontecer no vácuo. Pouco é verdadeiramente aprendido com introspecção. Nós somos seres materiais, e não podemos nos esquivar da experiência da vida. Aprendizagem se origina de nossas emoções enquanto estamos interagindo com a realidade, e isto se expressa em nosso gesto. O grau de amor em nosso gesto reflete a síntese de nosso aprendizado, de quão ciente estamos de sermos amor.

O gesto está no presente. Não há linha do tempo para o tempo. Pensando no tempo linearmente, do passado para o presente, é enumerar o irrelevante. Uma linha do tempo é uma representação espacial do tempo. É o medo julgando a vida. O único tempo é agora. Não há direção no tempo. O tempo é a vida como um ponto central; a periferia cai fora do conceito,

dado que é apenas memórias do 'passado' ou 'futuro'. O tempo não é um limitador para o amor; o passado já foi, desapareceu. Seu significado está presente em nosso aprendizado; o resto é apenas nostalgia, que é uma expressão do medo. O futuro é sua intenção agora, sua esperança agora, e finalmente sua fé agora. O futuro não é a direção do tempo mas a projeção de sua intenção presente.

SENDO AMOR

O amor não é um recurso finito que possa ser mensurado no espaço, tampouco é apenas a vida, afetado pelo tempo. Ele é literalmente a totalidade de nosso ser biológico aprendendo.

Não meça o que não vai terminar. Este é um paradoxo evidente: que a única maneira de ser amor é entregá-lo, pois não há propriedade no amor. O único amor que jamais pode ser perdido é o amor que não foi dado, o amor que não foi escolhido.

Quanto mais você é amor, resta menos do eu separado . Ao sucumbir ao amor nós estamos obrigados por infinitos gestos de amor, estando presentes no presente, eternamente no agora, não sendo, mas sendo amor.

Perceber a si mesmo como consciência significa em última análise se tornar um gesto nu de consciência.

—

O GESTO

HERNÁN QUIPILDOR